

[NIZIA VILLAÇA]

Pós-Doutorado em Antropologia Cultural pela Sorbonne, Paris V. Professora titular emérita da Escola de Comunicação da UFRJ, pesquisadora do CNPq e da FAPERJ e coordenadora do grupo ETHOS: Comunicação, Comportamento e Estratégias Corporais. Autora de várias publicações, entre as quais *A edição do corpo: tecnociência, artes e moda* e *Mixologias: comunicação e o consumo da cultura*.

E-mail: nmvillaca@uol.com.br

[148]

Michel Maffesoli

O professor Michel Maffesoli foi meu guia nas descobertas da sensibilidade contemporânea no período de pós-doutorado, realizado em Paris V, Sorbonne. Sua sociologia do cotidiano é uma prática e uma marca da "capacidade de saber dizer sim à vida apesar de tudo" e liga-se à valorização do presente e não do "deveria ser". O imaginário, como sublinha na entrevista,¹ garante a coesão do conjunto social, sendo uma alavanca metodológica com sua solicitação do sensível.

Num pensamento conectado às provocações do nosso tempo, atento às vozes que retornam, elabora permanentemente a compreensão de um paradigma estético que contamina e contagia as pesquisas realizadas, bem como o modo de aproximação e interação dos pesquisadores.

Sua sociologia compreensiva e não numérica ou quantitativa se abre para repensar a pauta comportamental contemporânea, reafirmando a força da comunidade que, com seus fluxos, renova, por vezes de forma intempestiva, a marcha linear que nos ameaça a cada momento.

Além disso, suas ideias devem certamente oferecer elementos para a produção de sentido das manifestações que ocorreram recentemente no Rio de Janeiro, cidade tão amada pelo professor.

NV: As grandes cidades hoje retratam algum tipo de construção do imaginário? Quais seriam os valores da cultura contemporânea que configuram nas metrópoles? Valores de vida? De existência?

MM: A cidade contemporânea ou, para dizer em outros termos, a cidade pós-moderna não possui a mesma configuração das metrópoles que progressivamente se constituíram ao longo da modernidade. Pode-se, a esse respeito, evocar as análises de Walter Benjamin e de Georg Simmel, que mostraram uma surpreendente continuidade entre a cidade antiga, o vilarejo medieval, a cidade das Luzes e a metrópole do século XIX. Sabe-se que esse *habitat* era homogêneo, com uma centralidade política, simbólica e econômica, e com periferias determinadas a partir e em função dessa centralidade. As megalópoles pós-modernas não têm mais essa homogeneidade, mas constituem conjuntos heterogêneos com polos muito diversos em função de interesses culturais em si mesmos múltiplos. Pode-se, a esse respeito, considerar que a megalópole pós-moderna é um tipo de mosaico formado a partir e em função de tribos urbanas que a constituem. Para expressar isso, a certa altura, eu chamei a atenção para o fato de que se podia nomear essas megalópoles de "selvas de pedra". E é suficiente ver que elas se tornaram entidades dessa ordem, tais como Tóquio, Seul, São Paulo, Rio... para se dar conta de que há uma multiplicidade de valores culturais muito diversos que faz de cada um desses megapólos a expressão de um policulturalismo galopante. É o policulturalismo (que Max Weber chamou de "politeísmo de valores") o verdadeiro desafio que a nossa época nos lança.

[149]

NV: A educação parece estar sendo repensada, remodelada. Como o senhor visualiza as novas prerrogativas do ensino contemporâneo?

MM: A socialização é um problema essencial para toda espécie animal. Em outras palavras, trata-se de integrar, sem podar muito, a energia juvenil ao que existe de melhor e fazê-la dar o máximo do que pode ser dado. Ao longo da modernidade, viu-se como essa socialização tomou uma forma puramente racional que repousa sobre a verticalidade do saber. É isso o que se pode chamar de educação. É suficiente ler um romance de Jean-Jacques Rousseau (*Emile*) para compreender a especificidade do processo educativo moderno: o "conhecimento" (*educare*) tira aquilo que não sabe, em torno de um saber codificado por uma estrutura social em si mesma piramidal. Numerosos índices mostram que o processo educativo está em vias de saturação e que as jovens gerações não se reconhecem mais na estrutura vertical, cuja expressão é a educação. A partir disso, é possível se referir à segunda forma da socialização, que é a iniciação. Ela não postula a existência de um vazio a ser preenchido, mas retoma a ideia de que existe, em cada um dos indivíduos, a criança ou o jovem em particular, um "tesouro" específico que convém fazer sair novamente. É essa ideia que leva a um processo de acompanhamento. É essa ideia que caracterizava, nas sociedades primitivas, o mecanismo de iniciação que está em vias de renascer em nossas sociedades pós-modernas. É interessante observar que o desenvolvimento tecnológico, em matéria de internet e de outros meios de comunicação interativa, acomode esse processo iniciático. O fenômeno Wikipédia e outras enciclopédias participativas exprimem bem essa horizontalidade do saber. Para falar disso, Edgar Morin tinha utilizado a metáfora da "noosfera", traduzindo bem esse processo do conhecimento. Ainda nesse sentido, o retorno da forma iniciática é um desafio que nos é lançado e que coloca em destaque a "horizontalidade", enquanto uma característica da pós-modernidade.

NV: O conceito de "tribos urbanas" foi de extrema importância para a compreensão de novos paradigmas da moda. O senhor acredita que ainda são válidos para um mundo que se configura pela multiplicidade imagética, de sujeitos que se relacionam em redes sociais?

MM: De fato, eu propus, nos anos 1980, a metáfora das tribos urbanas para melhor compreender a nova relação social em gestação em todas as nossas sociedades. Eu lembro, a esse respeito, que meu livro *O tempo das tribos* foi lançado em português antes da edição francesa e de todas as outras traduções (inglesa, espanhola, japonesa, coreana, italiana etc.). Evidentemente, eu tenho plena convicção de que é possível afirmar que a metáfora das tribos urbanas é particularmente pertinente para compreender a sociabilidade contemporânea. Em particular, a metáfora é perceptível na multiplicidade das redes sociais, que, a partir de variados domínios, se desenvolvem na internet, no Twitter e em outros meios de comunicação interativa. Ainda nesse sentido, nossas sociedades vão ser mosaicos "coerentes" (isto é, que assegurem a coesão) de relações sociais muito diversas. Para dizer de uma maneira mais simples, mas não menos pertinente, pode-se definir as tribos pós-modernas como o fato de repartir e de viver um gosto particular (sexual, musical, religioso, esportivo etc.).

NV: Como podemos entender a questão da valorização do objeto, da materialidade, que ganha significados especiais na relação do consumo? Como o design se estrutura positivamente na organização de sentidos contemporâneos?

MM: Nesse sentido, pode-se fazer uma oposição entre o objeto moderno e o objeto pós-moderno. O primeiro se caracterizava por uma pura funcionalidade com uma estética mínima e uma reprodutibilidade máxima. Com o objeto pós-moderno, parece haver um jogo em que é justamente a estética que enriquece a funcionalidade do objeto. Pode-se dizer, a esse respeito, que o objeto pós-moderno representa novamente o papel que os objetos tinham nas sociedades primitivas, ou seja, o papel de estabelecer uma relação com o mundo em sua integridade. Assim, o objeto pós-moderno ou o objeto das sociedades primitivas são um tipo de mesocosmo que estabiliza uma ligação entre o microcosmo individual e o macrocosmo universal. O design foi certamente a primeira expressão do objeto pós-moderno. Para dizer de uma maneira um pouco trivial, mas não menos esclarecedora, eu indiquei, a certa altura, que o design tratava "de tornar bela a panela", ou seja, se atribuía uma função estética a tudo o que conservava certa funcionalidade. É essa característica que permite entrar em relação com os outros e com o mundo em sua integridade.

NV: Acredita que a publicidade participa de um reencantamento do mundo ou cria estereótipos comportamentais?

MM: De fato, ao encontro de críticas fáceis, que pouco tem sido feitas contra a publicidade, eu penso que, de minha parte, essa questão envolve um tipo de mitologia pós-moderna. Eu quero dizer, conseqüentemente, que à imagem das mitologias clássicas, a publicidade é um resumo do que é vivido na vida cotidiana e que permite tornar "visível uma força invisível". Podia-se ver, ao longo da modernidade, a elaboração do que Max Weber pode chamar de desencantamento do mundo. O que está em jogo atualmente parece ser um reencantamento do mundo, e isso por meio do compartilhamento de imagens. Mas não é essa a questão que está em jogo na sociedade contemporânea. Nesse sentido, os estereótipos publicitários se referem aos arquétipos muito mais fundamentais e é isso que pode assegurar o sucesso ou fracasso de uma publicidade.

NV: A moda, o design, o corpo e o consumo são temas de grande interesse da nossa revista. O que o senhor poderia nos dizer dessa inter-relação?

MM: O design, eu venho dizendo, é certamente algo que na pós-modernidade sublinha o aspecto mágico que o objeto vai ter cada vez mais na relação social. O mesmo pode ser dito para a moda, cujo desenvolvimento exponencial pode-se ver. O que estava até então reservado às mulheres está em vias de "contaminar" o conjunto da sociedade. Estilo de vestimenta, estilo linguageiro, estilo de postura corporal. Todas essas coisas mostram que o que tinha pouco interesse se torna essencial na estruturação da relação social. É claro que isso fica particularmente marcado na valorização do corpo, cuja importância não para de crescer. Pode-se, a esse respeito, evocar a análise de Michel Foucault, observando que, no século XIX, o corpo só era legítimo se ele produzisse ou se reproduzisse. Em oposição a isso, é maravilhoso ver que há, contemporaneamente, o que eu chamei de epifanização do corpo individual e do corpo

coletivo. A dieta, a musculação e moda certamente traduzem, de uma maneira paroxística, a importância que toma o corpo na vida individual e coletiva. Pode-se evocar uma bela fórmula que se encontra sempre em Nietzsche, Simmel e Paul Valéry, que diz com justeza "que em certos momentos, a profundidade se esconde na superfície das coisas" (a esse respeito, veja meu livro *No fundo das aparências*).

NV: Sobre a questão do Sagrado na contemporaneidade, o senhor acredita que "o reencantamento do mundo" mantém a ideia do Sagrado nos espetáculos profanos? Poderia comentar?

MM: É claro que nesse vasto "reencantamento do mundo", o sagrado, que foi reduzido, marginalizado e até totalmente esvaziado, reencontra vigor inegável. Além disso, ele tende a se espalhar no conjunto da vida social. É interessante ver que certos observadores sociais não hesitam em falar de um "sacral" que se desenvolve. O termo "sacral" destaca que o que estava reservado ao domínio religioso tende a contaminar o conjunto dos fenômenos sociais: espetáculo, esporte, rituais cotidianos, manifestações políticas etc. Trata-se aqui de uma das manifestações de uma complementação da razão pelas emoções e paixões coletivas.

NV: Sobre o Brasil, algum comentário para nossos leitores?

MM: Eu tinha dito a certa altura que o Brasil se constituía em um verdadeiro laboratório da pós-modernidade. Parece-me que as evoluções atuais corroboram esse processo. E nós só estamos em seu início. Eu considero, de fato, que em todos os domínios do que venho falando e refletindo, o Brasil ocupa e vai ocupar um lugar de escolha, de eleição. Ainda é preciso que os intelectuais brasileiros se deem conta disso e saibam, acima dos prejulgamentos teóricos, acompanhar o processo.

[1] Tradução: Alexandre Marcelo Bueno.

SAIBA MAIS

MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

_____. *O conhecimento comum: introdução a sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *A república dos bons sentimentos*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2009.

_____. *Apocalipse: opinião pública e opinião publicada*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. *Saturação*. São Paulo: Iluminuras, 2010.

_____. *O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

_____. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2011.